

O espaço do sagrado e a presentificação da morte na obra do escritor moçambicano Mia Couto

ALTAIR SOFIENTINI CIECOSKI*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo promover um diálogo sobre as tradições ancestrais moçambicanas e o espaço do sagrado, mormente se encontram profundamente delineadas na obra *Terra sonâmbula*, do escritor moçambicano Mia Couto. Na esteira destas discussões, abordaremos as concepções de vida e a presentificação da morte. Um conceito que se apresenta de forma reiterada no romance de Mia Couto é a interferência de espíritos entre os seres vivos, razão pela qual, dialogamos com alguns teóricos sobre essas forças intermediárias entre os homens e o Ser Supremo, e, dos quais, muitas vezes, pela crença, são associados à fecundidade, ao sucesso e à harmonia.

Palavras-chave: Moçambique; tradição; antepassados; espíritos.

The space of the sacred and the presentification of death in the work of Mozambican writer Mia Couto

Abstract

This work aims to promote a dialogue on the Mozambican ancestral traditions and the space of the sacred, mainly found in the work *Terra sonâmbula*, by the Mozambican writer Mia Couto. In the wake of these discussions, we will address the concepts of life and the presentification of death. A concept that is repeatedly presented in the novel by Mia Couto is the interference of spirits between living beings, which is why, we dialogue with some theorists about these intermediate forces between men and the Supreme Being, and of which, many times, by belief, are associated with fertility, success and harmony.

Key words: Mozambique; tradition; ancestors; spirits.



* ALTAIR SOFIENTINI CIECOSKI é Mestre em Letras pelo Programa PPG Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); é professor efetivo do Estado de Mato Grosso.

Introdução

*“A morte, afinal, é uma corda que nos amarra as veias.
O nó está lá desde que nascemos.
O tempo vai esticando as pontas da corda,
nos estancando pouco a pouco”.*
(Mia Couto – Terra sonâmbula)

O escritor Moçambicano Antonio Emílio Leite Couto, conhecido por Mia Couto, é filho de imigrantes portugueses que chegaram a Moçambique no princípio da década de 1950. Seu pai, Fernando Couto, era jornalista e poeta, sendo natural de Rio Tinto, próximo do Porto, devido a isso, de acordo com Pires Laranjeira (2012, p. 57):

Mia Couto costuma dizer que é um moçambicano que não costuma conviver com os seus ancestrais porque estão sempre longe dele, numa alusão ao facto de os antepassados terem uma presença na vida dos africanos muito diferente da dos europeus na Europa, e de que ele não pode usufruir da sua aura, por estarem sepultados em Portugal.

Uma das características do autor, em seu fazer literário, é a de constantemente remeter em suas obras, mesmo que metaforicamente, à sua terra, Moçambique. No romance *Terra sonâmbula*, por exemplo, as questões que envolvem a nação moçambicana e sua ancestralidade são uma constante.

De sua já vasta bibliografia, gostaríamos de evidenciar, neste trabalho, o romance *Terra sonâmbula* (1992), por se constituir, como um dos mais importantes de Mia Couto e também de toda a literatura moçambicana e africana. Segundo Oliveira (2013, p. 425), um livro “pontado de significativos sinais da tradição ancestral do povo moçambicano, e por isso mesmo, rico manancial de estudos”.

No presente estudo, remeteremos para essa ancestralidade africana, de igual

maneira para a forma como se dá a presença da morte e a atuação de espíritos no mundo visível, que são temáticas recorrentes na obra de Mia Couto. Nas narrativas míticas apresentadas, ressaltamos a profunda importância que as tradições de uma matriz de oralidade, manifestas por meio de cantos, cerimônias, lendas etc., têm na cultura africana. De igual modo, sabemos que os primeiros contatos que os portugueses tiveram com as civilizações da África provocaram grande espanto. Segundo Cabaço (2009, p. 100), “falavam igualmente de rituais, de práticas, de tradições que lhes surgiam como ininteligíveis, ilógicos, se não chocantes em relação a seus padrões”, devemos considerar, claro, que estas eram visões da África formuladas pelo pensamento colonial (CURY; FONSECA, 2008, p. 12).

A pesquisa sobre quais são e de que forma se apresentam as narrativas míticas de Moçambique na obra de Mia Couto pode vir a ser uma contribuição para entender e recuperar alguns valores das tradições africanas. Ao lançar mão da literatura para promover estudos da ancestralidade e da tradição em Moçambique, possibilita-se adentrar no universo mítico das personagens e constatar a riqueza universal da sabedoria desse povo.

Ancestralidade e a presentificação da morte

Analisaremos agora, no contexto da obra de Mia Couto e no diálogo com alguns teóricos e pesquisadores, as referências às tradições moçambicanas (plenificadas na imagem dos antepassados e dos anciãos), bem como a simbologia da morte e a presença e influência dos espíritos.

As narrativas do romance *Terra sonâmbula*, reiteradamente, evidenciam um caráter de respeito aos antepassados o que se denota bem à “maneira da tradição”, como mencionado pela personagem protagonista do romance, o menino Muidinga (COUTO, 2015, p. 11). Dentro da cultura moçambicana, entende-se que os ancestrais e os anciãos da comunidade são os portadores das antigas tradições de seu povo e suas histórias são cultuadas e disseminadas.

São histórias que encantam e tentam dar sentido à existência, não tendo um caráter particular porque se assentam na perspectiva de alguém que é o mantenedor e guardião da memória e das tradições do grupo. No romance miacoutiano, o velho sábio Tuahir apresenta uma narrativa à personagem Siqueleto, sob o olhar atento de Muidinga que, ao final, sentencia: “Não é a história que fascina, mas a alma que está nela” (Ibidem, p. 65). É assim a cultura africana, a sabedoria advinda dos mais velhos é valorizada e respeitada, também porque são eles que conseguem traduzir a espiritualidade, a cultura e a identidade destes povos. Segundo Neto (2013, p. 09):

Nas sociedades africanas, os mais velhos têm um papel essencial, dado que são eles que transmitem a sabedoria, por meio das histórias que contam. É através das suas memórias que os velhos transmitem a tradição e toda a vivência dos seus

antepassados. O contato com as tradições ancestrais das culturas africanas faz com que o tempo sofra mudanças para além da realidade física, o que não acontece nas sociedades ocidentais, em que não se percebe mais o tempo vivido pelos ancestrais.

Esse manancial de conhecimentos de uma rica tradição oral exerce uma influência muito forte sobre toda a comunidade e, mais que isso, promove inevitavelmente, a “valorização de uma cultura de matriz tradicional, o passado é respeitado e os símbolos são valorizados por conterem e perpetuarem a experiência de gerações” (NOA, 2015, p. 81).

Com efeito, em *Terra sonâmbula*, retratam-se vários momentos em que fica explícito o reconhecimento pela sabedoria dos anciãos. Pode-se, por exemplo, mencionar a submissão de Muidinga diante do velho Tuahir, entendendo que a desobediência ao velho sábio implicaria em cometer erros: “Não volto a fazer sem lhe ouvir” (COUTO, 2015, p. 48). A experiência e a sabedoria de Tuahir evidenciam-se quando fica claro que ele já sabia o que iria acontecer com Muidinga: “O velho tinha consciência do que iria acontecer em seguida. O menino desconhecia, no entanto, tudo o que lhe esperava” (Ibidem, p. 51). De igual maneira, a personagem Kindzu, desejoso de ouvir palavras de sabedoria, sai em busca dos anciãos: “Saí pelo fresco da manhã, a curar-me das noturnas visões. Fui ao centro da aldeia, à grande sombra do canhoiro. Lá sentavam os mais velhos, de manhã até de noite. Eu queria ouvir suas antigas sabedorias” (Ibidem, p. 28). Ademais, o conjunto de tradições incluía ainda o registro de simbolismos e que segundo o mitólogo romeno Mircea Eliade (2012, p. 5), possuía um “papel

fundamental na vida de qualquer sociedade tradicional”.

Na perspectiva africana, e particularmente dos povos de origem *Bantu*, dos quais descendem boa parte dos moçambicanos, a morte não é o fim, sendo que os homens que morreram continuam a viver. O garoto Muidinga, no romance de Mia Couto, também acreditava que os mortos, por ocasião da guerra civil que assolou Moçambique, e que ainda tinham seus corpos expostos no machimbombo, não tinham partido por completo: “os espíritos dos falecidos ainda ali pairavam” (COUTO, 2015, p. 12). É como se estivessem em um novo estágio, em que é permitido, inclusive, interagir com as pessoas que ainda vivem no mundo visível. A personagem Kindzu se assusta com a ameaça do pai já falecido: “Eu queria falar-lhe, mas ele saiu-me do sonho. Acordei transpirado do lençol à cabeça. Eu estava aterrorizado com a ameaça do espírito de meu pai” (Ibidem, p. 28), ele queria fugir, porém, sabia bem que seria em vão: “Onde quer que eu fosse, o espírito de meu pai me haveria de encontrar” (Ibidem, p. 29).

Nesse sentido, atribui-se um valor espiritual muito grande aos falecidos que podem, segundo a crença, se tornar antepassados e se manifestar a qualquer momento. Para Daibert (2015):

Logo abaixo dos ancestrais, na hierarquia espiritual, merecia grande destaque a figura dos antepassados. Mais próximos dos seres humanos, eles eram em geral parentes próximos e, como defuntos mais recentes, eram personalizados. Para que o espírito de uma pessoa falecida se tornasse um antepassado era preciso considerar a forma como ele morreu e a conduta que teve em vida. Era preciso ter deixado as marcas de uma boa conduta moral, ter vivido até a velhice, não ter se

suicidado, e ter deixado grande descendência. Além disso, o antepassado deveria se manifestar em algum vivo (DAIBERT, 2015, p. 12).

Na obra de Mia Couto, a personagem Kindzu relata que seu pai, Taímo, se comunicava com os antepassados: “E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados” (COUTO, 2015, p. 15). Considerando esse relacionamento com os espíritos, e essa crença de que os mortos podem exercer influência sobre os vivos, precisamos indagar, o que é a morte, afinal, para estas comunidades tradicionais?

A morte não é um acontecimento meramente biológico, na medida em que, normalmente, se relaciona com aspectos sociais, culturais e de várias crenças que ela representa. O fato é que ela se configura como uma grande ruptura entre o que existia e o que, de repente, deixa de existir. Algo que a torna paradoxal, sem dúvida, é o fato de que as pessoas sabem que um dia não estarão mais contados entre os vivos, mesmo assim, muitos se recusam a aceitar esta realidade. Parece sempre que ela é algo distante.

Narrativas que envolvem a morte são uma constante em Mia Couto e, de acordo com Silva (2010, p. 185), a justificativa é que “pelo fato de que nas diferentes culturas tradicionais que compõem a sociedade moçambicana o relacionamento com os mortos deve ser cultivado com todo o respeito, sob a pena de serem os vivos por eles prejudicados”. A personagem Kindzu precisou entender isso para poder “desenrolar” sua vida: “primeiro, explicaram, eu devia tratar o assunto de meu pai, sossegar sua morte. Enquanto eu não despedisse dele

de boa maneira, a minha vida seria um indesejável novo. Concordei. Mas como poderia vencer aquela raiva do falecido?” (Ibidem, p. 29). De igual modo, o sábio Tuahir alerta o garoto Muidinga que se sente mal ao ver o machimbombo contaminado pela morte: “Não faça essa cara, miúdo. Os falecidos se ofendem se lhes mostramos nojo” (Ibidem, p. 11).

Embora existam, na África, uma infinidade de mitos que mencionam a origem e as questões da morte, parece-nos que, de certa forma, eles se aproximam. A pesquisadora Ana Maria Teixeira Soares Ferreira, (2007, p. 293), alude ao fato de que:

Nas culturas da África negra, originalmente, o homem tinha vida eterna. Deus dera aos primeiros homens um ou mais dos três dons da imortalidade, da ressurreição e do rejuvenescimento permanente. Em alguns mitos, o Ser Supremo tornava as pessoas jovens de novo, uma vez que estas envelheciam. Noutros, as pessoas morriam, mas renasciam. Noutros ainda, os homens iam para os céus e viviam com o Criador, por vezes sob diferentes formas. Mas todos estes dons se perderam e a morte, devido a um conjunto variado de razões, instalou-se entre os homens.

Entre os africanos e, de uma forma especial, entre os moçambicanos de origem *Bantu*, a morte se resume ao corpo físico, o espírito não morre. De acordo com Bezerra (2012, p. 40-41):

Para os povos de origem *Bantu* de Moçambique, a morte não é simplesmente o fim, mas a passagem de um ciclo para outro, um retorno ao mundo dos espíritos. Apesar de seu significante de trânsito entre mundos díspares, a morte é, acima de tudo, uma ruptura e, nesse caráter, produz, de uma certa forma, dor, alívio ou saudade,

provocadas pela partida de um familiar querido, ou de alguém que sofria por alguma doença terminal, ou por pessoas que causavam tormento e sofrimento a outros. A morte, assim vista, é necessária e restauradora. Dessa forma, em todos os níveis de existência, no ser humano coexistem a morte e a vida. Uma não é possível sem a outra, ou seja, uma tensão entre duas forças contrárias.

A morte, sob esta ótica, acaba por ter um sentido de conquista, afinal, pode vir a ser uma dor que chega ao fim. Segundo Ferreira (2007, p. 302), a morte não é ignorada pelo homem africano, pelo contrário, ele entende que “vida e morte são diferentes, mas indissociáveis: a criança que nasce transporta consigo a promessa da morte, ela é já um ‘morto em potência’; mas o velho que morre continua a sobreviver na sua descendência”.

Temos evidências da importância que tem essa continuidade espiritual dos anciãos ao defrontar-se com a morte, no texto literário analisado. No décimo primeiro capítulo do romance de Mia Couto, por exemplo, denominado “*Ondas escrevendo histórias*”, Tuahir, que acompanhou o garoto Muidinga em sua jornada mítica em busca de identidade, sente a aproximação da morte e faz um pedido ao garoto:

— Vê aquele barco velho, ali abandonado?

— Vejo, tio.

— Me faça como Surendra fez com mulher dele. Meta-me nesse barco.

— Não, tio. O senhor fica comigo. Eu vou lhe cuidar.

— Me deite no barco, filho. Quero morrer sem ver nenhuma terra, só água em todo lado (COUTO, 2015, p. 188).

De acordo com Ferreira, (2007, p. 10), “a omnipresença da morte em Mia Couto se reveste, igualmente, fruto das crenças negro africanas, de uma dimensão renovadora, muitas vezes vista como uma oportunidade de recomeço, de recuperação”. O garoto Muidinga parece ainda não entender bem acerca dos conceitos de morte que envolvem a tradição e fica desorientado. Ao levar Tuahir ao barco, ainda acredita que voltariam juntos: “Agora, tio. Descanse a ver o mar, faz bem à disposição. Daqui a bocadito, regressamos ao machimbombo. Está certo, tio?” (COUTO, 2015, p. 189). O que estaria prestes a presenciar, no entanto, se tornaria mais um grandioso aprendizado dos anciãos: “Seus olhos molhados se confrontavam com os argumentos da morte” (Ibidem, p. 189). A morte do velho sábio Tuahir é narrada de uma forma quase poética, poderíamos inferir que seu autor sabia bem que ela não representa o fim, mas trata-se da continuidade do legado de mais um ancião africano que se tornará um guardião deste sistema de crenças:

As ondas vão subindo a duna e rodeiam a canoa. A voz do miúdo quase não se escuta, abafada pelo requebrar das vagas. Tuahir está deitado, olhando a água a chegar. Agora, já o barquinho balouça. Aos poucos se vai tornando leve como mulher ao sabor de carícia e se solta do colo da terra, já livre, navegável. Começa então a viagem de Tuahir para um mar cheio de infinitas fantasias. Nas ondas estão escritas mil estórias, dessas de embalar as crianças do inteiro mundo (COUTO, 2015, p. 189).

Tuahir fora um transmissor dos conhecimentos que resistem na força da oralidade, nas palavras sagradas proferidas e no respeito à tradição. E, de fato, nas ondas que o conduziram, mil estórias estão escritas. “As estórias dele

faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo” (Ibidem, p. 14), e é assim, por meio dos velhos sábios, que os antigos saberes são revigorados no presente. Conforme Ferreira (2007, p. 10):

Colocamos em evidência os velhos que, vítimas hoje, na perspectiva que perpassa a obra de Couto, de uma aniquilação social, encontram na morte um caminho de retorno a um tempo antigo e ao antepassado fundador, o lugar de destaque que sempre lhes esteve reservado nas sociedades tradicionais, a continuação, no Além, do seu papel de protectores do grupo. Por isso, a sua morte é também vista como a morte anunciada de um tempo e de uma cultura, de que são os representantes entre os vivos, personagens arquetípos que conduzem e ensinam os mais novos que se vão afastando das suas raízes.

Os espíritos e o espaço do sagrado

Dentro dessa referida tradição, um dos pontos mais presentes, diz respeito à veneração aos mortos e aos antepassados, reconhecendo, como já mencionado anteriormente, que eles podem interferir significativamente na vida dos vivos. Conforme Ferreira (2007, p. 302), esta crença que possuem nos antepassados “asseguram ao grupo a harmonia e a estabilidade [...], é assim que essas sociedades conseguem tranquilizar-se, ter confiança em si mesmas e acreditar na realização dos seus desejos”.

Nesse conjunto de crenças, o homem é composto de corpo e espírito. Acredita-se, assim, que embora tenha abandonado o corpo, o espírito ainda fique por perto por um bom tempo, afinal, a entrada no mundo espiritual acontece aos poucos. Ferreira (2007, p. 303) acrescenta que, “assemelhando-se a uma viagem em que, com a ajuda dos rituais levados a cabo

pelos vivos, o espírito do morto se integra no invisível. Por essa razão, é necessário levar a cabo os ritos fúnebres adequados para o mandar embora e juntar-se aos outros espíritos”. A personagem Quintino, no romance, se assusta com a volta do falecido Romão Pinto, mas sabia bem que “os recém-falecidos recusam sair deste mundo se não lhes dedicam as devidas cerimónias” (COUTO, 2015, p. 140).

No contexto da obra de Mia Couto, por ocasião da morte da personagem Taímo, o feiticeiro da comunidade receita a Kindzu e toda a família, conforme manda a tradição, rituais voltados aos falecidos:

Certo foi minha mãe, após a viuvez, se enconchar, triste como um recanto escuro. Consultamos o feiticeiro para conhecer o exacto da morte de meu pai. Quem sabe era um falecimento sem validade, desses que pedem as mais devidas cerimónias? O feiticeiro confirmou o estranho daquela morte. Lhe receitou: ela que construísse uma casa, bem afastada. Dentro dessa solitária residência ela deveria colocar o velho barco de meu pai, com seu mastro, sua tristonha vela. Seu dito, nosso feito. No ajunto de todos, empurrámos o concho. Peso tão cheio nunca eu vi. O puxar do barco demorou todo o dia. Meu tio mais velho comandava os cantos, com sua voz corpulenta. À noitita, junto da fogueira, me explicaram a tradição. Motivo do barco, dentro da casa: meu pai poderia regressar, vindo do mar. E assim, todas as noites passei a levar para a casinha solitária uma panela cheia de comida. No dia seguinte, a panela estava vazia, raspadinha (Ibidem, p. 19-20).

Sempre dotado de poderes de adivinhação, o feiticeiro e/ou curandeiro é revestido de respeito pelas atribuições que lhes são inerentes: manter um profícuo contato entre o mundo visível e o invisível e estabelecer-se como guardião dos costumes e crenças do povo. Quando Kindzu tenta fugir do espírito do pai e já não consegue saber para qual lugar, é aconselhado pelos anciãos: “só o nganga lhe pode ajudar”¹ (Ibidem, p. 29), e conclui: “sim, eu deveria consultar o adivinho” (Ibidem, p. 29). Kindzu ouve os conselhos do adivinho e, mais tarde, coloca-os em prática:

Lembrei o conselho do nganga e tirei a ave morta debaixo do meu assento. Estava preparado para essa batalha com as forças do aquém. Em cada pegada deitei uma pena branca. No imediato, da pluma nascia uma gaivota que, ao levantar voo, fazia desaparecer o buraco. O voo das aves que eu semeava ia apagando meu rasto. Dessas artes, eu vencia o primeiro encostar de ombros com os espíritos (Ibidem, p. 39).

Percebemos assim que a concepção tradicional africana é a de que somos corpo e espírito e de que os espíritos se relacionam, após a morte com este mundo visível. Ferreira (2007, p. 303-304), ratifica este conceito:

O espírito não perde a identidade que tinha quando era uma pessoa viva, já que, no contexto das cosmogonias tradicionais, acredita-se que quando um ser humano morre e é sepultado, o seu espírito permanece enquanto manifestação do seu poder e da sua personalidade. Desta forma, a morte, em vez de significar o fim da existência humana, constitui-se apenas como a

¹*Nganga* é um termo de origem *Bantu* que significa aquele que lida com plantas curadoras. Curandeiro espiritual. Adivinho.

transição para uma nova dimensão existencial.

Dentre as várias narrativas que se amalgamam na obra de Mia Couto, em que figuram a menção aos espíritos, elencamos algumas, consoante se apresentam em *Terra sonâmbula* (COUTO, 2015), ei-las:

- a) “Chorando assim você vai chamar os espíritos” (p. 13);
- b) “Os espíritos dos falecidos ainda ali pairavam” (p. 12);
- c) “O espírito de meu velho pai me perseguiu” (p. 39);
- d) “[...] bebi e dancei em cerimônia dos espíritos” (p. 56);
- e) “Conversam para distrair os maus espíritos que sempre aproveitam o silêncio para engordar intenções” (p. 62);
- f) “Sei que sou um deles, um espírito que vagueia em desordem por não saber a exacta fronteira que nos separa de vocês, os viventes” (p. 81);
- g) “Era ela quem governava os espíritos daquele navio” (p. 93);
- h) “Se rir muito alto você afasta os maus espíritos” (p. 121);
- i) “Então, tira de si o amuleto que o protegia dos maus espíritos, prenda de Tuahir. Afinal, trocam magias” (p. 173);
- j) “Eu que esperasse ali, sossegadamente, sem agitar os espíritos” (178-79).

Considerações finais

Pelo exposto em nossas reflexões, percebemos que o autor Mia Couto por meio de sua obra *Terra sonâmbula* propõe um intenso diálogo entre a tradição de Moçambique e com os elementos ancestrais que compõem essa sociedade.

Buscamos evidências de referências aos aspectos relacionados às narrativas míticas e às crenças ancestrais dos povos africanos em geral, e moçambicanos no particular, e pudemos observar que a visão tradicional africana no que tange à morte e aos aspectos referentes à espiritualidade são também recorrentes no romance. Remetemos às tradições ancestrais moçambicanas e ao espaço do sagrado, abordamos as concepções de vida e morte, consoante delineamento no romance. A obra de Mia Couto, é, deveras, um aporte seguro para as discussões sobre essa espiritualidade e, conforme Ribeiro (2010, p. 19), “encontramos em sua produção, um convite a deslocar o olhar para as formas sagradas de vivenciar o mundo africano”.

Evidencia-se, assim, uma configuração de “filosofia da ancestralidade”. O homem, de acordo com elementos ficcionais narrados em *Terra sonâmbula*, pertence a um sistema de forças dentro de um contexto visível e invisível, e para estar em harmonia e equilíbrio, mantém-se em contato frequente com aqueles que, notadamente, são os guardiões e depositários de crenças e tradições.

Referências

- BEZERRA, Rosilda Alves. Tradições e culturas (in) distintas: O entrelugar em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto. *Odisseia*, Rio Grande do Norte, n. 8, p. 38-50, jan./jun. 2012.
- CABAÇO, José Luís. **Moçambique. Identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.
- COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CURY, Maria Zilda Ferreira; FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Mia Couto: Espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- DAIBERT, Robert. A religião dos Bantos: Novas leituras sobre o Calundu no Brasil colonial.

Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 28, n. 55, p. 7-25, jan./dez. 2015.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FERREIRA, Ana Maria Teixeira Soares. **Traduzindo mundos**: Os mortos na narrativa de Mia Couto, 2007. (Tese). (Doutorado em literatura) – Departamento de línguas e culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2007.

LARANJEIRA, Pires. Mia Couto, o escritor improvável. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 57-62, 2012.

NETO, Júlia de Souza. **Terra sonâmbula à luz da ancestralidade**, Goiânia. 2013. 72f. Dissertação (Mestrado em Letras) Departamento

de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

NOA, Francisco. **Perto do fragmento, a totalidade**. São Paulo: Kapulana Editora, 2015.

OLIVEIRA, Maura Eustáquia de. Transgressão: O lugar da literatura de Mia Couto e Luandino Vieira. In: CAVACAS, Fernanda; CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Mia Couto**: um convite à diferença. São Paulo: Humanitas, 2013.

SILVA, Ana Cláudia da. **O rio e a casa**. Imagens do tempo na ficção de Mia Couto. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

Recebido em 2020-04-27

Publicado em 2021-01-01